



Aos 50, Criolo sai em turnê e vai lançar discos e livro

PÁGINA 6

Duo em voz e violão pinça pérolas musicais

PÁGINA 7



Livro reflete sobre a condição de ser pardo no Brasil

PÁGINA 8



2º CADERNO



Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

No peito do Homem de Aço bate um coração que usa óculos: as lentes grossas de James Francis Gunn Jr. Ex-colaborador da fábrica de filmes e séries B Troma, o cineasta nascido em St. Louis, no Missouri, há 58 anos é quem escreve e dirige “Superman”, um poema que resgata os poderes analgésicos (e revolucionários) da fantasia.

Ao assumir o posto, ele passou a carregar a responsabilidade de preservar o prazo de validade das narrativas audiovisuais estreladas por super-heróis no momento em que o filão se encontra em estado de alerta, contabilizando fracassos e

‘Superman’, de James Gunn, chega às telas com poesia para salvar os filmes de super-heróis

rejeições. Kal-El, o último nobre reminescente da aristocracia que regia o planeta Krypton, é o caminho que o realizador e produtor encontrou para repaginar as HQs da editora DC Comics na telona.

De suas graphic novels, minisséries e revistas mensais, Hollywood extraiu cults como a “Trilogia Batman”, de Christopher Nolan; “Coringa”, ganhador do Leão de Ouro do Festival de Veneza de 2019; e “Constantine” (2005), com Keanu Reeves em luta com o Arcanjo Gabriel. O longa do Homem-Morcego com Michael Keaton, dirigido por Tim Burton em 1989, e sua sequência (“Batman, O Retorno”, de 1992), também merecem loas. Nada, contudo, chega a uma distância mínima de voo do Super-Homem com Christopher Reeve (1952-2004) lá de 1978 – que se perpetuou no imaginário cinéfilo. Nada até os latidos de Krypto.

Continua na página seguinte

Um Clark Kent longe do estereótipo criado por Christopher Reeve

David Cozenswet, que mantém a linhagem kryptoniana viva (e adulta), na produção de US\$ 225 milhões de Gunn, na qual assume o papel de Kal-El (e de seu alter ego, o repórter Clark Kent), é maroto o bastante para não copiar o jeito apolíneo de Reeve. Aliás, a versão de Gunn é sobre o oposto de Apolo: seu Superman quebra o braço, sangra, toma tapa na cara, lida mal com os impasses do relacionamento (carnal) com Lois Lane (Rachel Brosnahan) e paga um preço por uma tomada de posição política ao intervir numa espécie de Faixa de Gaza fictícia. Fora isso, há um cachorro... que voa... que tem super mordida... e não sossega o rabinho, o já citado Krypto, baseado na mascote surgida no n° 210 do almanaque “Adventure Comics”, em março de 1955, e inspirado no pet de estimação de Gunn.

Tem Superamigos também, não aqueles que a gente via no desenho homônimo das manhãs da Globo nos anos 80, com os Super-Gêmeos Zan e Jayna, o Chefe Apache e o Samurai, mas uma trupe porreta, formada pela guerreira alada Mulher-Gavião (Isabela Mercedes), o inventor ricoço Sr. Incrível (Ed Gathegi) e o Lanterna Verde doidão Guy Gardner (Nathan Fillion). Essa é a turma que vai ajudar a personagem a lidar com um Lex Luthor que goteja xenofobia vivido em estado de graça por Nicholas Hoult.

Lex Luthor é rico. Tem tanto dinheiro quanto o Bruce Wayne lá de Gotham, cidade vizinha à sua Metrópolis, que ganhou respeito no mundo midiático por ter um jornal onde “aconteceu, virou manchete”, e angariou os olhos do mundo por ter virado o lar do Superman. Toda e qualquer fronteira ao intelecto, aquelas que nenhuma IA transpõe, a mente de Lex ultrapassa, à força dos inventos de sua LexCorp. No roteiro (sinuoso, mas sólido) de James Gunn, até um universo paralelo compacto, com códigos da Física semelhantes aos nossos, esse bandido elegante bola. Seus neurônios transcendem tudo, menos a barreira do racismo.



Divulgação

David Cozenswet criou um Superman que quebra o braço, sangra e se revela mais humano

Com tanto elemento bom a seu favor, Gunn pode dar seu recado de cabeça erguida, apoiado no prestígio que consolidou dirigindo os três volumes da franquia “Guardiões da Galáxia” (de 2014 a 2023) para a Marvel. O caminho que seguiu é distinto do épico com Reeve. Parece (até na confecção da direção de arte e no colorido de sua fotografia) com as artes gráficas, o que o aproxima de um almanaque de férias, tipo o extinto “SuperPowers”, da editora Abril.

O filme dos anos 1970 era quase fabular. Coroado com uma bilheteria de US\$

300 milhões, “Superman, O Filme”, em 78, driblava a linha realista que vinha ditando as regras das cartilhas hollywoodianas desde a década de 1960. O escritor Mario Gianluigi Puzo (1920-1999), autor do romance “O Poderoso Chefão”, trabalhou no roteiro dessa famosa transposição do guardião de Metrópolis para as telas. De março de 1977 a novembro de 1978, o cineasta Richard Donner Schwartzberg (1930-2021) torrou um orçamento de US\$ 55 milhões para filmar e finalizar uma adaptação cinematográfica das HQs de Jerry Siegel (1914-1996) e Joe Shuster (1914-1992). Antes dele, Guy Hamilton e Steven Spielberg foram cotados para assumir a direção.

CRÍTICA / CINEMA / SUPERMAN

Lex, o César de uma Roma trumpista

O que está em jogo no atual regresso do super-herói mais famoso dos quadrinhos ao cinema, em 2025, em plena Era Trump, é o ódio que um magnata tem pelo que é diferente dele. Lex despreza o Homem de Aço por saber que ele vem de outro planeta. Ele é estrangeiro, logo, em sua dinâmica, impõe risco. Heróis como o Lanterna Verde Guy Gardner, o ferrabrás interpretado por Nathan Fillion

com ironia, não fazem sua careca lustrosa coçar, porque são aqui da Terra, e ainda por cima, dos EUA. São de casa. Kal-El, não.

À luz de Lex, o César de uma Roma pós-moderna, Kal-El é um emissário das tribos bárbaras que vem conspirar o pão e o circo de um Coliseu que não se exhibe por meio de lutas, mas por invenções eletrônicas, toques de celular e exibicionismo nas redes sociais.

James Caan, Burt Reynolds, Kris Kristofferson e Nick Nolte foram cotados para viver Kal-El, sobrevivente de Krypton que reside na Terra sob a identidade de Clark Kent, um repórter. Após uma série de testes, o papel acabou com Reeve, cuja atuação (irretocável) só é ofuscada pela de Gene Hackman (1930-2025) como criminoso Lex Luthor.

Com toques pontuais de humor e muita adrenalina, Gunn encarou com coragem a segunda kryptonita na bota do herói, que é a maldição que cerca os intérpretes de Kal-El/Clark Kent, a começar pelo mais icônico deles, o já citado Reeve. Nenhum ator teve sua imagem tão atrelada à figura apolínea criada em 1938 por Jerome Jerry Siegel (1914-1996) e Joseph “Joe” Shuster (1914-1992) quanto ele. A assombração em seu caso foi uma via de mão dupla. Confinado a uma cadeira de rodas após uma lesão cervical em 1995, Reeve jamais estrelou um longa de tanta popularidade e rentabilidade quanto o cult de Donner.

Antes, os atores Kirk Alyn (1910-1999) e George Reeves (1914-1959), que encarnaram o Super-Homem em séries dos anos 1940 e 50, também foram amaldiçoados: o primeiro perdeu a fama e isolou-se; o segundo foi encontrado baleado. Dean Cain, do seriado “Lois & Clark” (1993), também viu seu prestígio popular sumir. Em 2006, “Superman — O retorno” (2006) tentou fazer de Brandon Routh uma celebridade, mas ele caiu no ostracismo.

Henry Cavill, que interpretou o guardião de Metrópolis em “Homem de Aço” (2013), teve melhor sorte e alcançou firmes holofotes. Apesar disso, a nova versão do vigilante deixou-o de lado. David Cozenswet assumiu a insígnia do S com garbo, trazendo algo vulnerável, e demasiadamente gente como a gente. Reeve teria orgulho.

Elas condenam o Super-Homem quando ele é acusado de descender de uma linhagem conquistadora de Krypton. A acusação vem de uma tradução forçada de línguas milenares. Um idioma como o daquele mundo morto equivale aos dialetos que se perdem em diásporas, nas quais a brutalidade segrega quem vem de longe.

O poder de Lex é o capitalismo: com dólares, ele alimenta intolerâncias. Nicholas Hoult, um talento dos infernos, sacou isso e transforma o mais famoso vilão das HQs – há tempos sem viço – num ser bestial, uma alegoria do ódio que expõe o atual zeitgeist da América. (R. F.)

Diretor do novo 'Superman' conta de onde veio a ideia da trama e exalta trilha original de John Williams

Por Pedro Sobreiro

Em 2021, em meio a pandemia, James Gunn iniciou sua transição da Marvel para a DC com o lançamento de 'O Esquadrão Suicida'. Na época, ele ainda trabalhava na conclusão da franquia 'Guardiões da Galáxia', mas era muito querido internamente pela Warner.

Infelizmente, por ter saído numa época de cinemas parcialmente abertos por conta da Covid-19, seu 'Esquadrão' fez uma baixíssima bilheteria. Ainda assim, a unanimidade da crítica acerca do projeto o chancelou a continuar e ganhar novas oportunidades na DC, até o momento da promoção ao cargo de CEO do novo Universo DC.

Com muita ousadia, Gunn trouxe para os cinemas uma crítica intensa aos efeitos do imperialismo e colonialismo americano na América Latina. E essa crítica social foi fundamental.

Em 'Superman', Gunn volta a colocar 'o dedo na ferida', mas agora criticando a atuação americana nos principais conflitos do mundo, como Israel x Palestina e Rússia x Ucrânia.

Em conversa com o diretor durante sua passagem pelo Rio de Janeiro, Gunn revelou que acredita ser impossível não falar de política, já que é algo inerente a própria vida.

"Por um lado, não pensei o filme como algo político, mas a verdade é que tudo na vida é política. Qualquer crença que se tenha é política. Mas acho que é um filme mais sobre filosofias. Por exemplo, o Superman e a Lois Lane acreditam no bem, só que enxergam o



James Gunn dirigindo Nicholas Hoult (Lex Luthor) e David Corenswet (Superman) nos sets do novo filme do herói.

'Tudo na vida é política'

Divulgação/Warner

mundo de formas diferentes. O que é ser bom? Cada um vê isso de seu próprio jeito", disse o diretor.

Ele também explicou que esse viés político veio de uma reflexão de como seriam os conflitos do nosso mundo se o Superman estivesse por aqui.

"A ideia veio da pergunta: 'como o mundo reagiria se o Superman existisse de verdade?'. Apesar do Universo DC não ser o nosso, eles são bem parecidos. Então, se o Superman estivesse lá, acho que haveria muitos conflitos com essas 'autoridades'. A gente sabe como o Superman é. Ele sempre vai enfrentar os valentões, ele sempre vai tentar salvar a todos, independentemente de crenças. E isso significa enfrentar governos repressores se for necessário. Então, sim, existem esses momentos políticos em alguns momentos", completou.

Outro grande destaque do filme é o uso da música tema clássica da década de 1970, que foi atualizada com a benção de John Williams. Para Gunn, isso foi incrível.

"Eu amo o tema original do 'Superman' de John Williams. E amo que pudemos brincar com isso. Nosso time pôde pegar tre-

chos dessa música e usá-los de diferentes formas em diferentes cenas. Quando eu era criança, esse tema era 'A música tema'. Foi a primeira trilha cinematográfica pela qual me apaixonei. Foi o que me despertou o sentimento de dizer: 'Meu Deus! A música é a melhor parte dos filmes!'. Eu amei mais a trilha do que o filme em si", disse.

Outra característica clássica dos filmes de James Gunn é a playlist afiada. Aqui, apesar de haver músicas Pop, ele está bem mais contido que nos filmes dos 'Guardiões da Galáxia', por exemplo. E isso foi um desafio imposto pelo próprio James.

"Quis me desafiar para não fazer deste filme um 'Filme Musical', por assim dizer. Mas foi difícil, foi muito difícil! Cheguei a me sentir exposto, vulnerável, sabe?", brincou o diretor.

Por fim, ele contou o que mais gostou do Rio de Janeiro.

"Bom, essa não foi minha primeira vez no Brasil, mas foi minha primeira vinda ao Rio. A cidade é linda! O contraste dos prédios com a floresta é único. Mas o que mais gostei foi o Jardim Botânico. Eu sentei na grama e apareceram uns 30 macacos-prego. Eles ficaram lá brincando e se balançando. Aquilo me deixou tão feliz!", revelou.

Família

Também falamos com David Corenswet, o novo Superman, que disse ter formado uma nova família com o elenco e a produção do filme.

"Trabalhei por quase um ano e meio com a equipe mais incrível de Atlanta, com o melhor elenco do mundo sob o comando de James Gunn. A verdade é que sinto que formei uma segunda família. Nós, do elenco e equipe, trabalhamos muito unidos e com muito amor para trazer esse filme para vocês. Espero que isso possa ser sentido pelo público, esse nosso amor pelos filmes e pela vida", disse.

"Foi incrível! Tenho esperança de que possamos reunir esse time novamente para uma sequência em algum momento", concluiu David Corenswet.



James Gunn veio ao Rio de Janeiro com o elenco para promover 'Superman'

Egresso de projeções nos festivais de Veneza e San Sebastián, o longa japonês ‘Super Feliz Para Sempre’ discute a finitude com lirismo, resgatando a linhagem do drama romântico



Nem a morte pode separar o casal de ‘Super Feliz Para Sempre’, de Kohei Igarashi, destaque da grade da Mubi

Rodrigo Fonseca

Shoyu da despedida

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Um dos temas mais recorrentes do cinema internacional em 2024 (vide “O Quarto ao Lado”, de Almodóvar), a relação com a finitude frequentou o garimpo de todos os grandes festivais do mundo ano (Cannes, Veneza, Berlim) e bate ponto agora no streaming, na grade da Mubi, pelas vias de uma delicada expressão narrativa japonesa: “Super Feliz Para Sempre”.

É um drama com toques líricos sobre como se faz as pazes com uma perda. A produção, chamada “Super Happy Forever” no exterior, chega a telas paulistanas vitaminada por uma aclamada recepção que teve em San Sebastián, no norte da Espanha, no mês passado. Basta zapear o www.mubi.com para se encantar com o longa-metragem.

Recentes investimentos autorais da diretora Naomi Kawase (de “Esplendor”) mantiveram o lirismo romântico bem aquecido no audiovisual nipônico, mas não ao ponto de fervura que seu conterrâneo Kohei Igarashi alcança com “Super Feliz Para Sempre”, que trata do tema da melancolia sob uma mirada doce, inspirada por love stories clássicas, asiáticas e americanas.

“Apesar de o romance ser um gênero um tanto fora de moda hoje, eu tenho apreço por seus códigos e por sua forma de encarar as relações interpessoais e entender a dinâmica de perder alguém. Nem sempre uma pessoa que se vai desaparece do nosso convívio. Ela está entre nós de formas novas, diferentes do que esperamos”, disse Igarashi ao Correio da Manhã no Festival de San Sebastián. “Passamos antes da Espanha por Veneza e vamos ainda a festivais na Coreia, nos EUA e no Canadá, com essa parada no Brasil. Tênto levar às telas imagens de um espaço geográfico, os resorts luxuosos de outrora, que servem como registro sentimental de um Japão do pós-guerra, de uma fase de reconstrução do meu país”.

Seu enredo se passa num resort onde, um dia, o jovem Sano foi muito feliz com sua finada mulher, Nagi. A nostalgia dessa época já seria motivo suficiente para ele regressar, mas há um motivo extra: sair em busca de um chapéu vermelho que sua companheira perdeu lá.

“Na sociedade japonesa, não lidamos com a perda de uma forma definitiva, pois há sempre resquícios de quem partiu a sobreviver na memória e no tempo. Eu tento partir desses vestígios para abrir uma discussão sobre o que é tristeza e sobre como a dor

se acomoda. O conceito japonês de ‘relato triste’ é muito fluido”, diz Igarashi ao Correio. “O colorido do filme lida com contraste, acentuando o azul do mar. Esse contraste é um reflexo da vida”.

Nesta sexta, a Mubi estreia com exclusividade “Magic Farm”, nova comédia de Amalia Ulman (“El Planeta”), na qual uma equipe desastrada de documentaristas aterrissa por engano em um vilarejo rural argentino em busca de uma história viral. Chloë Sevigny, Alex Wolff e Simon Rex estão no elenco. No fim do mês, no dia 25, a plataforma traz ao país “Tóxico” (“Akipleša”), de Saule Bliuvaite, lá da Lituânia. O ganhador do Leopardo de Ouro do Festival de Locarno de 2024 gravita entre a perplexidade e a sororidade. Abandonada pela mãe, Maria, de 13 anos, é obrigada a viver com a avó numa cidade industrial deprimente. Durante um confronto violento na rua, ela conhece a aspirante a modelo Kristina. Buscando se aproximar dela, Maria se inscreve numa escola misteriosa que prepara meninas para o principal evento da região. A relação ambígua com Kristina e o ambiente intenso, com ares de culto, da instituição empurram Maria para um processo de autodescoberta – e de implosão.

Em seu rol de títulos permanentes, a Mubi mantém “Titane”, de Julia Ducounau, que ganhou a Palma de Ouro em 2021. Encontra-se lá também “Dahomey”, de Mati Diop, que rendeu o Urso de Ouro para o Senegal em 2024, e o badalado espanhol “Alcarràs”, vencedor do Festival de Berlim de 2022, pilotado pela catalã Carla Simón.

Entre os lançamentos da semana passada na Mubi destacam-se “Hot Milk”, da inglesa Rebecca Lenkiewicz, e “Diamante Bruto”, da francesa Agathe Riedinger.



O realizador japonês Kohei Igarashi, num encontro com o Correio em San Sebastián

CRÍTICA / FILME / 2046

Uma decupagem da alma e do tempo por Wong Kar-wai

Por Luis Carlos Lacerda*

Assisto ao filme de Wong Kar-wai, “2046”, último da trilogia composta também por “Dias Selvagens” e “In The Mood for Love”. Nesta coprodução da China, Hong Kong, Itália, França e Alemanha, o diretor radicaliza seus enquadramentos anticonvencionais, rompe regras (inúmeras vezes priorizando objetos da contrarregragem em cena, enquanto os diálogos permanecem off; ou concentrando a ação no gestual de seus protagonistas, seja a mão que “afaga” o corrimão, descendo uma escadaria espiral, ou o cigarro deixado no cinzeiro, e até o cinto do ator que está fora de quadro, elementos que dizem mais do universo dramaturgico em que a cena fica a critério do público construí-la).

Basicamente é a história de um escritor que precisa entregar para seu editor um romance com elementos de lutas marciais e



Divulgação

Wong Kar-wai radicaliza seus enquadramentos anticonvencionais

paixões entre humanos e andróides tipo “Blade Runner”, e que se (nos) confunde entre os limites da vida real e daquilo que escreve

(como Alain Resnais em “O Ano Passado em Marienbad” e “Providence”).

A memória transpassa a ação que o con-

funde com um atleta sexual, meio cafetão e meio escritor romântico, e o conduz ao inevitável encontro com as messalinas orientais onde em seus peitos também bate um coração. E sofrem. Mas gozam. Gozam muito. Sob uma luz trabalhada com as referências culturais chinesas que evocam os monumentais palácios vermelhos, as caixas de laca onde se guardam os segredos ancestrais, e a pintura abstrata dos pintores presentes até no nosso Modernismo.

Direção de Arte, Fotografia (de Christopher Doyle, Kwan P. Leng e Lai Yiu-fai) e a original decupagem do diretor Kar-wai com seu estilo vanguardista conferem ao drama-lhão lig-lig-lé uma ponte com toda a tradição do cinema de lágrimas do lado de baixo do Equador.

Ainda mais pontuado por Lecuona em seu clássico Siboney, levado pela banda cubana de Xavier Cugat, que garantiu a presença cucaracha nos filmes de Hollywood anos-50. E não para por aí: tem Nat King Cole e a ópera “Norma”, de Bellini (afinal, a Itália é coprodutora).

Com apenas US\$ 12 milhões, se comparada à média milionária das produções internacionais, e um elenco de alto nível (encabeçado por Tony Chiu-wai e Zhang Ziyi Faye Wong) Kar-wai realiza uma obra-prima. Dessas que parecem conseguir reacender o prazer de assistirmos a um ótimo filme.

Na grade do Mubi.

***Cineasta e poeta**

CRÍTICA / CINEMA / PEDAÇO DE MIM

Les Films du Losange

Noção do que é normal desafiada

Por Sérgio Alpendre (Folhapress)

Na primeira cena de “Pedaço de Mim”, longa de Anne-Sophie Bailly, uma mãe e seu filho nadam numa piscina, filmados em câmera lenta, seus corpos se movimentando lindamente embaixo d’água. É um começo promissor, que o filme nem sempre irá acompanhar. A protagonista é Mona, mulher de meia idade interpretada por Laure Calamy, que cuida do filho



Joel (Charles Peccia-Galletto) precisa mudar a relação com a mãe (Mona Laure Calamy)

neurodivergente Joel, um adulto tido como “lento” pela sociedade.

Por um descuido, Joel engravida sua companheira de trabalho Océane, também neurodivergente. A partir desse acidente surge uma

crise na relação mãe e filho e na de Mona com os pais de Océane, que a acusam de negligenciar os cuidados com o filho. Logo vemos que Joel pode ser considerado lento, mas Mona, que é considerada normal, em muitos aspectos

é mais infantil que ele. O filme então pergunta o que é a normalidade.

A partir daí começamos a perceber que talvez um pouco de independência não fará mal a Joel e Océane. Claro que eles precisam de alguns cuidados, de proximidade afetiva, de apoio para decisões mais importantes.

Joel tem rompantes violentos. Mas Mona também, e o pai de Océane, e muitas outras pessoas. O que importa é que Joel é um personagem adorável, assim como Océane. Mesmo Mona, que pode irritar um pouco com suas inconstâncias, acaba por conquistar nossa simpatia.

Formalmente, o longa de Bailly remete ao começo deste século, algo semelhante aos que os irmãos Dardenne faziam em “O Filho”, por exemplo. Esse modo de filmar muito de perto, com boa parte da imagem desfocada e uma câmera que parece encurralar os personagens, tornou-se lugar-comum de festivais europeus.

As várias faças de Criolo

Artista celebra 50 anos com turnê por 12 cidades, lançamento de dois álbuns e livro em parceria com sua mãe

Por **Affonso Nunes**

O show de Criolo no Circo Voador, marcado para 12 de setembro, teve os ingressos esgotados, confirmando a expectativa em torno da turnê “Criolo 50” - iniciada em 20 de junho em Teresina - que celebra o meio século de vida do multiartista paulistano. A apresentação no Rio de Janeiro integra um giro que promete ser histórico ao marcar um novo momento na carreira do rapper.

“Eu nem estou acreditando que estou chegando nos 50. Estou feliz demais de alcançar esse tempo de vida”, diz Criolo. “Esse projeto não é só sobre mim — é sobre todas as pessoas que me ajudaram a não desistir”, completa.

Criolo construiu uma enorme sintonia com o público ao longo de sua trajetória e demonstra a potência deste novo projeto. Na maturidade dos 50 anos, o músico apresenta uma abordagem madura e sofisticada de seu trabalho, utilizando o hip-hop como espinha dorsal da performance, mas expandindo sua obra para territórios sonoros que incluem trap, grime, drill, afrobeat e, principalmente, o samba.

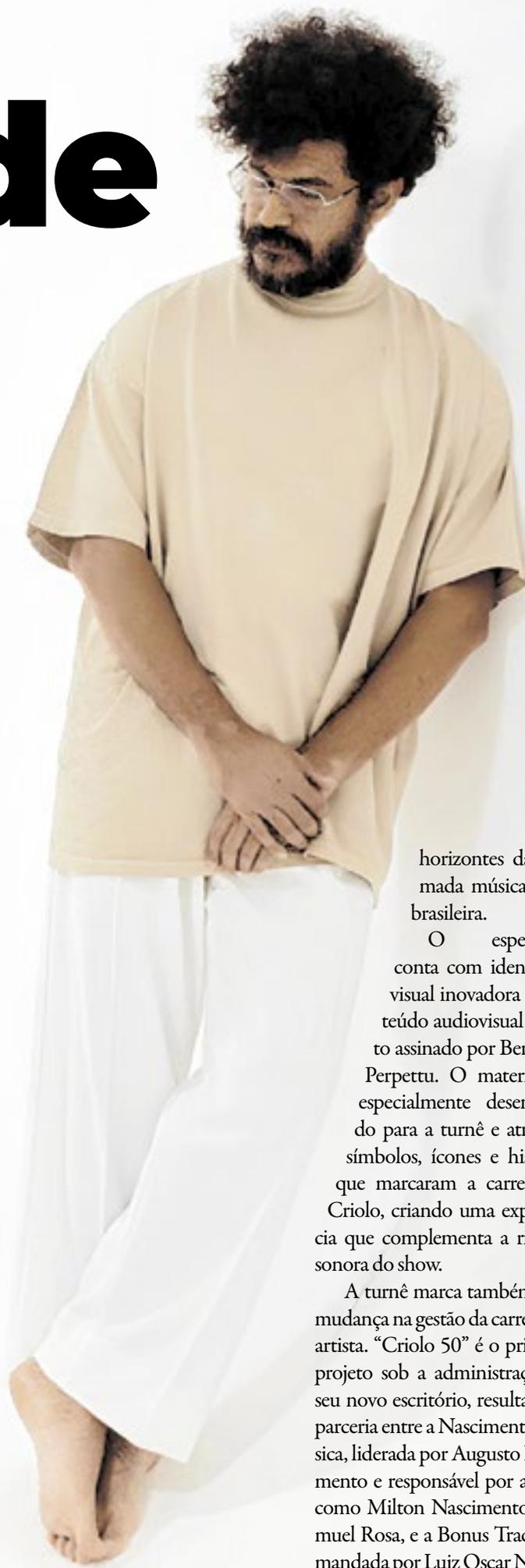
Acompanhado por uma for-

mação que inclui os instrumentistas Ed Trombone, DJ DanDan, Xeina Barros, Ricardo Rabelo, Bruno Buarque, Gustavo Sousa e Bira Sax, Criolo explora um vasto repertório que atravessa toda sua discografia. O espetáculo percorre álbuns como “Nó Na Orelha” e “Convoque Seu Buda” até o mais recente “Espiral de Ilusões”, valorizando os clássicos da música brasileira e estabelecendo diálogos entre diferentes gerações musicais.

Em “Criolo 50” o artista constrói uma narrativa que apresenta seu hip-hop como uma árvore de múltiplas ramificações, apresentando as possibilidades que esse gênero oferece quando dialoga com outros ritmos expandindo os

“Esse projeto não é sobre mim - é sobre as pessoas que me ajudaram a não desistir”

Criolo



horizontes da chamada música preta brasileira.

O espetáculo conta com identidade visual inovadora e conteúdo audiovisual inédito assinado por Bernardo Perpettu. O material foi especialmente desenvolvido para a turnê e atravessa símbolos, ícones e histórias que marcaram a carreira de Criolo, criando uma experiência que complementa a riqueza sonora do show.

A turnê marca também uma mudança na gestão da carreira do artista. “Criolo 50” é o primeiro projeto sob a administração de seu novo escritório, resultado da parceria entre a Nascimento Música, liderada por Augusto Nascimento e responsável por artistas como Milton Nascimento e Samuel Rosa, e a Bonus Track, comandada por Luiz Oscar Niemeyer e Luiz Guilherme Niemeyer. A Bonus Track ganhou destaque

recentemente como produtora do show de Lady Gaga na Praia de Copacabana.

Mas as novidades relacionadas ao aniversário de Criolo não se resumem à turnê que passará por 12 cidades. Entre os conteúdos já confirmados, está um álbum inédito em parceria com Dino D’Santiago e Amaro Freitas — artistas que dividem com Criolo não só uma indicação ao Grammy Latino com a faixa “Esperança” na categoria Melhor Canção em Língua Portuguesa, mas também o compromisso de construir pontes entre diferentes territórios, sonoridades e experiências. A nova colaboração resgata e amplia a conexão diaspórica, lusófona e artística entre Brasil e Cabo Verde.

Também está previsto o lançamento de um disco de samba, gênero que sempre esteve presente na trajetória de Criolo e ganha agora protagonismo em meio às comemorações. “O samba me atravessou com tanta admiração que levei quase 18 anos para pensar num disco. Depois, mais 10 para ter coragem de lançar, de tanto respeito que tenho a esse gênero”, explica.

Outro destaque é o livro inédito em coautoria com Maria Vilani, mãe do artista, escritora, filósofa, poeta e ativista cultural. Cearense radicada no Grajaú, zona sul de São Paulo, ela fundou o Centro de Arte e Promoção Social (CAPSArtes), onde promove encontros literários, oficinas e debates com a comunidade.

“Eu e minha mãe estudamos três anos juntos, na mesma sala. Foi muito importante porque pude enxergar ela para além da personagem mãe”, conta Criolo.

A diversidade sempre foi marca registrada do trabalho de Criolo, que desde o início da carreira demonstrou habilidade para combinar elementos do rap com diferentes gêneros musicais. Aos 50 anos, essa característica ganha nova dimensão, revelando um artista que chegou à maturidade sem perder a capacidade de indignação e experimentação que o consagrou no cenário musical brasileiro.

Um olhar na alma da canção brasileira

Ayrton Montarroyos e João Camarero levam ao Manouche repertório que vai de Dorival Caymmi a Maria Bethânia

Por **Affonso Nunes**

A música popular brasileira ganha nova interpretação pela voz de Ayrton Montarroyos e as cordas de João Camarero, que se apresentam nesta quinta-feira (10), às 21h, no Manouche. O cantor e o violonista construíram uma parceria musical baseada na profunda conexão com o repertório clássico nacional.

A amizade entre os dois nasceu de forma espontânea durante uma aula sobre o violonista Raphael Rabello. O que começou como uma

conversa sobre música evoluiu naturalmente para ensaios conjuntos, revelando uma afinidade artística que vai além das preferências pessoais. Ambos compartilham uma reverência especial pelos grandes nomes da MPB, particularmente Dorival Caymmi, Ary Barroso e Baden Powell, compositores que serviram como pontes iniciais para o desenvolvimento da parceria.

O repertório escolhido para a apresentação no Manouche reflete essa busca. Selecionaram canções de Dalva de Oliveira, Noel Rosa, Nana Caymmi, Maria Bethânia, Elton Medeiros e Edu Lobo, crian-



Reprodução YouTube

João Camarero e Ayrton Montarroyos pinçam tesouros musicais no show que fazem em duo de voz e violão

do um panorama que atravessa diferentes gerações da música brasileira. A proposta não se limita a uma homenagem nostálgica, mas

busca reativar a potência emocional dessas composições através de arranjos intimistas para voz e violão.

Montarroyos e Camarero demonstram um conhecimento profundo das tradições musicais brasileiras numa pesquisa cujas reinterpretações respeitam a essência original sem alterar a a personalida-

de artística dos dois músicos.

O formato intimista da apresentação permite ao público experimentar essas canções em sua forma mais essencial, sem arranjos elaborados e adereços das gravações originais, revelando suas estruturas melódicas e poéticas de forma mais direta e artesanal.

SERVIÇO

AYRTON MONTARROYOS E JOÃO

CAMARERO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

10/7, às 21h

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia,

levando um quilo de alimento

não perecível a

ser doado para o Retiro dos Artistas)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Tributo a Mercedes

Indiana Nomma e André Pinto Siqueira apresentam “Mercedes Sosa: A Voz dos Sem Voz – Volume II” no Blue Note Rio nesta quinta-feira (10), às 20h. O projeto da Mills Records homenageia os 90 anos que Mercedes Sosa completaria em 2025. A cantora e de nacionalidade hondurenha-brasileira interpreta nove canções com novos arranjos, acompanhada pelo violonista. O espetáculo conecta gerações distintas e reafirma a importância das mensagens da música sul-americana no contexto atual.

Divulgação



Américo Nunes/Divulgação



Talento nordestino

O cantor e compositor pernambucano Tonfil apresenta o espetáculo “Moldura” nesta quinta (10), às 19h, no Espaço Cultural BNDES. Natural de São José do Egito e neto do repentista Louro do Pajeú, o artista interpreta canções do álbum homônimo de 2022 e releituras ao vivo de sucessos anteriores num show destaca a voz e poesia características do artista como nas autorais “Aquele Forró” e “Vida em Marte Severina”. Tonfil é acompanhado pelos músicos Miguel Mendes (contrabaixo e teclado), Valdemar Neto (guitarra e violão) e Felipe Weinberg (bateria).

Divulgação



Raízes sambistas

Juninho Thybau apresenta o show “Eu Sou Assim” no Teatro Rival Petrobras nesta quinta-feira (10), às 19h30. O espetáculo marca o lançamento do audiovisual do artista gravado na quadra do Cacique de Ramos. O cantor, filho da Portela, interpreta repertório com músicas inéditas e clássicos como “Se Eu For Falar de Tristeza” (Beto Gago e Zeca Pagodinho) e “O Mundo é um Moinho” (Cartola). Participam da noite os sambistas Vinny Santa Fé, Gabrielzinho de Irajá e Renato Milagres numa celebração de reverência aos samba de raiz.

'Pardo é a pedra de toque das relações raciais brasileiras'

Na coletânea 'A Questão do Pardo no Brasil', a socióloga Flávia Rios propõe uma discussão profunda sobre o conceito de mestiçagem na formação da identidade brasileira

Por **Victoria Damasceno**
(Folhapress)

Afinal, o que é ser pardo no Brasil? É o que a socióloga Flávia Rios tenta responder em um novo livro do qual é a organizadora. "A condição de ser pardo no Brasil é aquela que remete à nossa história de mestiçagem. Com idas e vindas, altos e baixos: o pardo foi e continua sendo a pedra de toque das nossas relações raciais", escreve Rios, professora na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

À reportagem a socióloga explica que o tema de "A Questão do Pardo no Brasil" é sensível, pois envolve história de violências, colonialismo e escravidão, além de estupro de mulheres negras e indígenas,



Divulgação

o que teria causado uma miscigenação forçada.

"A ideia de pedra de toque é porque ela trata de uma história muito profunda brasileira, de ideologias nacionais, de temas sensíveis para a identidade nacional, e é manipulada, no sentido de movida, mexida de tempos em tempos, toda vez que se repactua na ação, toda vez que se problematizam questões."

O assunto ganhou novos contornos com a divulgação do Censo de 2022. Pela primeira vez na história, pardos se tornaram o maior grupo racial, com 45,3% da população. Já brancos eram 43,5% e pretos eram 10,2%.

O cerne do livro, segundo Rios, é a discussão sobre como o Brasil do

Flávia Rios explica que a 'mestiçagem' assume diferentes características a depender da região do país

século 21 tem debatido a sua identidade. Seja no âmbito do Estado, nas mídias, na sociedade civil ou em movimentos sociais, a obra se propõe a debater a complexidade das identidades raciais no país por uma perspectiva histórica.

"Basicamente, o livro quer resgatar essa perspectiva histórica do debate sobre mestiçagem no Brasil. Ou seja, discutir a mestiçagem à luz dos problemas contemporâneos, à luz do que as novas gerações têm reivindicado, debatido, trazer um conhecimento que eventual-

mente essas gerações não tiveram acesso", diz a socióloga. "Faz parte de um diálogo histórico."

O livro é derivado de uma edição da revista Cult de mesmo título, também organizada por Rios. Publicada em julho de 2024, a revista esgotou rapidamente nas bancas, segundo a autora, evidenciando a urgência do assunto.

No livro, a autora abarca a maior parte dos textos publicados na revista e expande o assunto, convidando novos autores para aumentar a produção de discussões incluindo política, colorismo, influência americana e, o que ganha destaque como um dos principais assuntos, as políticas de ação afirmativa.

"Esse livro se faz necessário

neste contexto histórico porque os pardos voltaram a ser tema das manchetes. Desta vez, não mais nas páginas policiais, mas sim, nos cadernos de educação", escreve. A socióloga se refere às diversas discussões acerca das classificações raciais nas políticas de cotas nas universidades brasileiras.

O tema ganhou uma seção inteira no livro, dada sua urgência. Acadêmicos que já atuavam nesta linha de pesquisa escrevem sobre o assunto, no qual as bancas de heteroidentificação, recurso usado pelas universidades para determinar se um concorrente é negro ou não, se sobressaem.

"Comissões adentram a administração pública, as burocracias universitárias, visando gerar garantias, mas ao mesmo tempo tem várias questões que precisam ser problematizadas, pois vários grupos sociais têm questionado erros. Tenta resolver alguns problemas, mas pode eventualmente, não sempre, mas pode eventualmente errar", diz Rios.

A obra se dedica ainda a tratar a questão indígena em meio à população parda brasileira, tema que, segundo Rios, às vezes é ofuscado pela discussão em torno da questão negra.

A socióloga explica que a "mestiçagem" assume diferentes características a depender da região do país, e que o autodeclarado pardo também pode ter ascendência indígena, algo aprofundado na obra em relação ao dossiê.

"Por exemplo, o Pará é um dos estados com maior concentração de pessoas autodeclaradas pardas. E a maior parte dessas pessoas se identifica mais com suas origens indígenas do que com suas origens negras", diz ela.

A obra, que tenta abraçar em 210 páginas um dos mais complexos assuntos da questão racial brasileira, não tem pretensão de ser definitiva. "O presente livro não encerra a questão dos pardos no Brasil. Revela que precisamos produzir pesquisas quantitativas e qualitativas sobre o assunto, relacionando o tema às diversas dimensões da vida social", escreve Rios.